

O Papel do Jornalismo na Divulgação de Identidades Não-Hegemônicas

Leandro STOFFELS¹

Resumo: A luta vivida por sujeitos transgêneros para impor sentido próprio ao seu corpo e existência se passa pelo campo dos significados, e a violência sofrida por esses indivíduos tem origem simbólica. Assim, o jornalismo tem papel essencial para criar e divulgar diferentes “modos de ser”, pois é necessária a circulação de significados para que essas identidades sejam conhecidas e reconhecidas pela sociedade. Dessa forma, a batalha diária dos indivíduos não-cisgêneros para afirmar socialmente seu gênero pode encontrar nos media tanto um aliado quanto um adversário. Esse artigo utiliza conceitos construcionistas para estudar construções de gênero e teorias da comunicação para analisar textos jornalísticos que apresentam sujeitos transgêneros e busca destacar conexões entre as estruturas de poder e opressão com o impacto discursivo da mídia.

Palavras-chave: identidade trans*; representação; Comunicação para a transformação social.

1. Introdução

A filosofia costuma discutir o homem com H maiúsculo. Desce pra vida! Coloca carne, coloca osso. Enche teu esquema analítico de vida, pra você ver que no mundo real as travestis são assassinadas porque não são gente, e aquele cara que assassina a travesti (e não assassina uma única vez, assassina dezenas de vezes com dezenas de facadas), ele assassina com autorização que a sociedade lhe diz, que aquele corpo não tem humanidade suficiente pra compartilhar o mesmo espaço que o meu (sic).

BENTO, Berenice (2014)

¹ Graduando do quinto semestre em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), leostoffels@hotmail.com

Carolina Maia de Aguiar (2011) destaca a importância política de o jornalismo difundir categorias identitárias, e reconhecê-las, ao apresentar personagens reais que as adotem. Isso dá legitimidade a essas identidades, além de possibilitar que outros sujeitos às conheçam e até adotem. Ela afirma a necessidade de circulação de significados para que essas identidades sejam conhecidas e reconhecidas pelos indivíduos.

A autora cita o exemplo de Alexandre, um transexual masculino que mesmo afirmando se identificar como homem desde pequeno, durante muito tempo adotou a identidade de lésbica (e chegou a engravidar), pois segundo ele, era o mais próximo que ele tinha conhecimento. Apenas anos depois ele conheceu a condição transexual e se identificou com ela. Ou seja, até então, era impossível ele se identificar como trans, pois ele não conhecia esse conceito. A pesquisadora cita Fischer (2001; 2002; 2004 apud AGUIAR, 2011), que sustenta que os meios de comunicação exercem um papel pedagógico sobre as atitudes que as pessoas devem ter em relação a sexo e gênero.

Levando em conta que a batalha vivida pelos sujeitos trans para impor sentido próprio ao seu corpo e a sua existência se passa pelo campo dos significados, e que a violência sofrida por esses indivíduos tem origem simbólica, fica claro o papel do jornalismo para criar e divulgar diferentes “modos de ser”. Discutir e questionar a heteronormatividade, que Judith Butler chama de heterossexualidade compulsória, é essencial para se construir a identidade de quem não se reconhece como parte desse modelo.

A análise da linguagem é importante para entendermos a representação que o jornalismo faz da identidade trans, especialmente quanto a sua posição de gênero. A maneira como a narrativa e os personagens são construídos no texto jornalístico produz uma determinada leitura dos fatos em detrimento de outras. Quando se fala em desigualdades sociais motivadas pelas diferenças, as exclusões vividas no plano simbólico são profundamente relacionadas aos preconceitos sofridos na esfera das relações sociais. Adotadas como verdades por quem as consome, as notícias dão informações para que seu público construa suas opiniões sobre como o mundo é e como a sociedade funciona (AGUIAR, 2011).

De acordo a perspectiva construcionista os mesmos atos sexuais podem ter importância social e significação variáveis, dependendo de como se definem e compreendem em diferentes culturas e momentos históricos (VANCE, 1995). Esse

artigo justifica-se tendo em mente essa perspectiva e entendendo que os meios de comunicação, devido a sua importância na produção e disseminação de bens culturais, contribuem para o “estabelecimento, consolidação ou questionamento de determinadas identidades” (AGUIAR, 2011).

2. Identidade trans

O objeto desse estudo é a representação jornalística do “universo trans”. Grupo de indivíduos que se identificam com o gênero oposto ao que lhe foi conferido socialmente ao nascer (DA SILVA e OLIVEIRA, 2013). Por se tratar de uma questão que tange a autoidentificação, esse universo abrange uma verdadeira miríade de tipos e categorias. Três, entretanto, são as mais comumente mencionadas: transexuais, travestis e transformistas.

Segundo as próprias travestis, travesti é quem promove transformações nas formas do seu corpo visando moldá-lo o mais próximo com o das mulheres, veste-se e vive cotidianamente como pertencentes ao gênero feminino “sem, no entanto, desejarem explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina” (BENNEDETTI, 2005). O desejo de consumir a mudança de sexo, aliás, é o que define os transexuais, única categoria que abrange também sujeitos nascidos em corpos socialmente identificados como femininos. Os transformistas ou drag queens, por sua vez, mudam levemente as formas masculinas do seu corpo, através de intervenções que possam ser rapidamente suprimidas ou revertidas. Assume a identidade feminina somente em ocasiões específicas, ao contrário das travestis e transexuais femininos, que a assumem diariamente.

Em sua análise sobre a representação de travestis (mas que pode ser pensada também para as demais identidades trans) em programas policiais, Fábio Fernandes faz a seguinte descrição dessa identidade:

Ela está, de um modo geral, associada à fabricação de um novo corpo, ao invés de sua constante simplificação em práticas e orientações sexuais, que podem ser as mais diversas. Elxs investem justamente nesse contínuo de construção/desconstrução de seus corpos e, por conseguinte, das próprias vivências e matrizes sociais a que pertencem.

(FERNANDES, 2013, online)

Em “Manifesto Ciborgue”, Donna Haraway (1985) discute a construção social complexa do corpo. Nele, apresenta o mito do ciborgue para fazer uma crítica da identidade em favor das diferenças e para instar as feministas a superarem tradicionais barreiras de gênero, feminismo e política. Com descrições muito próximas às vivências de sujeitos trans, a autora defende a superação de fronteiras e define: “ciborgues podem expressar de forma mais séria o aspecto - algumas vezes parcial, fluido – do sexo e da corporificação sexual (p.106), sendo um eu –pessoal e coletivo – pós-moderno. Um eu desmontado e remontado (p.77). Ativamente reescrevendo os textos de seus corpos e sociedades (p.99)”.

A partir do texto de Haraway, Da Silva e Oliveira (2013) concluem que atualmente a busca pela identidade é marcada no corpo, através de tecnologias de transformações corporais (piercings, tatuagens, próteses e intervenções cirúrgicas), que se tornam a cada dia mais comuns. Essas demarcações buscam produzir identidade através de afinidades e possibilidades, e não por se apropriar de uma identidade dita natural (HARAWAY apud DA SILVA e OLIVEIRA, 2013). O universo trans expõe que o masculino/feminino pode ser resignificado, mostrando o caráter performático do gênero (BENTO, 2003).

Segundo Butler (1999), os corpos que não forem apropriadamente generificados sob o padrão de identidade heteronormativa se constituem “corpos abjetos”, “ininteligíveis”, que não encontram significado dentro da sua cultura. Por isso, tornam o “exterior”, o “oposto” que se distancia da norma e define suas fronteiras. Conforme Berenice Bento, é tentando sanar essa ininteligibilidade que os transexuais buscam a cirurgia de redesignação sexual. Pois “se a sociedade divide-se em corpos homens e corpos-mulheres, aqueles que não apresentam essa correspondência fundante tendem a estar fora da categoria do humano.” (BENTO, 2003).

De acordo com Louro (apud AGUIAR, 2011) o senso comum pressupõe uma continuidade entre sexo, gênero e orientação sexual. Aqueles que não se reconhecem enquanto heterossexuais e/ou cisgêneros são vistos socialmente como desviantes da norma e sofrem discriminação por isso. No Brasil, o “universo trans” é vítima principal de violências físicas e simbólicas relacionadas a homotransfobia. Em 2012, 51% das vítimas de homicídios registrados como homofobia no Brasil eram de indivíduos que afirmavam a identidade trans. (BRASIL, 2013). Mesmo se tratando essencialmente de uma questão identitária, um dos principais motivos para a rejeição sofrida por esses

sujeitos na sociedade são suas práticas sexuais. Incapazes de compreender a condição transexual, muitas pessoas ainda os veem e consideram como homossexuais.

A maneira como o jornalismo retrata esse grupo é importante, pois, sua vinculação com o real influencia na compreensão de realidade da sua audiência, por oferecer “conceitos e interpretações acerca dos entes, fatos, acontecimentos e questões do mundo” (AGUIAR, 2011). Sendo assim, o discurso jornalístico pode ajudar a transformar a forma como a sociedade vê o universo trans ou apenas corroborar o status quo de violência e opressão.

3. Mídia

Para a minha discussão, trarei a notícia como um “discurso socialmente construído, inscrito na história e na cultura, articulando valores vigentes na sociedade.” (AGUIAR, 2011). Sua produção se dá a partir de uma práxis que estabelece inclusões e exclusões e, por isso, não apenas retrata, mas ajuda a construir a realidade. Segundo Martin Serrano (apud ALSINA, 2009) a complexidade da nossa sociedade torna a comunicação interpessoal incapaz de oferecer todos os sentidos exigidos para entender a nossa realidade. Outros discursos são necessários para compreender a sociedade em que vivemos, dentre eles, se destaca o jornalístico. Mesmo quem não consome notícias diretamente, acaba sendo influenciado pelas discussões que elas levantam, através da convivência com outras pessoas que tenham acesso a essas informações. Por isso, as interpretações de mundo transmitidas pelo jornalismo afetam diretamente na compreensão que a sociedade tem da realidade. Podemos afirmar que o jornalismo tem o papel social de “construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante.” (ALSINA, 2009).

A escolha do que deve ser noticiado determina o que é normativo, corriqueiro e correto, assim como o que é desvio, violação, inesperado. Sua postura ao definir o “diferente” e o “inusitado” pode tanto contestá-los quanto reafirmá-los (AGUIAR, 2011). De acordo com Ponte (2005, apud AGUIAR, 2011) a imprensa tem um papel determinante na construção e legitimação de significados acerca daquilo que não pode ser conhecido diretamente, não apenas relatando, mas interpretando os fatos. Dessa maneira, o impacto político e ideológico da mídia dependerá da escolha do que será noticiado e do enquadramento dado ao assunto.

Van Dijk (apud PONTE apud AGUIAR, 2011) afirma que as possibilidades de algo virar notícia são inversamente proporcionais à clareza de sua inadequação em comparação às normas vigentes, exceto justamente quando essa inadequação é apresentada de maneira negativa. A mídia representa, não reflete a sociedade. Nesse processo, o tratamento jornalístico varia em quantidade e em qualidade, dependendo do grupo que é apresentado (ALSINA, 2009). Segundo John Hartley (apud PONTE apud AGUIAR, 2011) a notícia é construída sob alguns aspectos políticos, como a escolha, o tratamento e a visibilidade dada aos assuntos. O autor ainda afirma que o jornalismo sustenta a hegemonia ao negar espaço a cisões e posicionamentos contrários a ela, e designa aqueles que estão afastados do centro como desviantes ou marginais.

a. Mídia e Identidade

O universo trans é vítima da invisibilidade social, que é uma das violências simbólicas mais atroz. O estudo de Carolina Maia de Aguiar (2011) sobre a representação de identidades não-heteronormativas no portal Mix Brasil mostra que indivíduos trans são mal representados até pela mídia autodenominada LGBT. Essa situação pode ser analisada através do conceito de “espiral do silêncio” apresentado pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann. Segundo ela, a opinião pública é como uma força que direciona julgamentos particulares em uma sociedade, silenciando pontos de vista minoritários. A sociedade ameaça os indivíduos desviados com o isolamento. Por medo desse isolamento, a maioria dos indivíduos busca seguir o que crê ser o pensamento da maioria, a opinião pública, ou a se calar, caso mantenham uma visão divergente (NOELLE-NEUMANN apud HOHLFELDT, 1999).

Segundo essa teoria, a mídia tem papel decisivo na divulgação de pontos de vistas hegemônicos e do silenciamento dos demais. A autora destaca que para se caracterizar um caso de opinião pública, é necessário envolver um forte componente emocional ou moral. Isso faz com que aqueles que permaneçam em oposição sejam afastados dos seus meios de convívio. Algumas iniciativas individuais em redações brasileiras têm, entretanto, buscado retirar o universo trans desse isolamento e se afastar da linguagem do jornalismo policial que, como abordaremos mais a frente, trata as identidades trans de forma pejorativa e desrespeitosa. O que essas iniciativas têm mostrado, entretanto, é justamente como a violência simbólica que essas identidades sofrem se transformam em marcas físicas em seus corpos.

Um exemplo é “O Nascimento de Joicy: sobre como João, agricultor, virou mulher”, série de reportagens publicadas entre 10 e 12 de abril de 2011, escrita por Fabiana Moraes para o Jornal do Commercio em Pernambuco. No texto ela conta a vida de uma transexual e acompanha a personagem-título durante 5 meses até a cirurgia de transgenitalização, que ela chama de “morte de João e nascimento de Joicy” (MORAES, 2011). O título carrega um conceito questionável, o de que a transexual só se tornou mulher após a construção da vagina. Como afirma Donna Haraway, não há nada de fundamental em comum entre todas as mulheres, nem mesmo os órgãos genitais. Ser mulher é uma categoria identitária, e sendo assim, o corpo deve aparecer como variável, e não como um fundamento (NICHOLSON, 2000).

A reportagem, contudo, se propõe apresentar a vida da transexual de uma forma digna e até poética, ao trazer ao leitor vivências de quem adota essa identidade. Já no home do site da série temos uma foto de Joicy nua, cobrindo o corpo com as mãos, numa referência a “Vênus de Botticelli”, que retrata a deusa da feminilidade. Como a própria autora explica, a conexão busca repensar o feminino (MORAES, 2011). No início do texto, a identidade transexual e a fluidez da feminilidade ganham, então, espaço para discussão. Joicy é uma cabelereira pobre de 51 anos que nasceu e passou boa parte da vida na roça. A luta dela para se encontrar e afirmar sua identidade, além de enfrentar o preconceito social é apresentada em um texto longo e cuidadoso, acompanhado de fotos e vídeos.

Apesar de alguns deslizos, como mencioná-la como “o” (“não se aplicava ao transexual” [MORAES, 2011, ‘parte 1 – aprendendo a ser mulher’]), o texto demonstra um cuidado da redação e da jornalista em respeitar a identidade da personagem. Há também o interesse em visibilizar a violência simbólica que quem é trans sofre diariamente nas relações sociais e institucionais. A iniciativa foi reconhecida com o Prêmio Esso de Reportagem 2011. O Jornal do Commercio, que dá nome a um dos maiores conglomerados de mídia de Pernambuco, voltou a retratar a transexualidade em 27 de agosto de 2012 com a reportagem “Alexandre Emanuel e o direito de ser homem por completo” de Ciara Carvalho.

O texto, publicado sob a retrans ‘cidadania’, foi motivado pela decisão da Justiça de obrigar o Estado a pagar sua cirurgia, já que não a oferece em seu sistema de saúde. O texto inicia explicando a identidade do personagem através de uma fala do próprio. “Não existe isso de mulher virar homem. Eu já era um homem no corpo de

mulher” (CARVALHO, 2012). A repórter conta a longa batalha judicial que Alexandre travou para conseguir as mudanças que queria (registro de nome social, retirada das mamas, dos ovários e do útero e agora a final, a metoidioplastia). Além do texto cauteloso, há um interesse em explicar a transexualidade, com um vídeo de 12 minutos de entrevista com ele, e um infográfico explicando os procedimentos da cirurgia de redesignação de vagina para pênis.

b. Generificação

Alexandre, entretanto, não recebeu cuidado parecido de Sylvia Albuquerque, do portal R7. Publicada sob a retranca “cidades”, um ano depois da decisão judicial, e logo após a cirurgia, a matéria desrespeita o gênero do transexual já em seu título. “*Pernambucana muda de sexo inspirada em soldado transexual dos EUA*” (grifo meu); novamente na legenda da foto “*A pernambucana conseguiu na Justiça uma cirurgia para se tornar definitivamente homem; soldado americano inspirou*” (grifo meu); e segue em seu lead:

Aos 46 anos, *uma pernambucana* conseguiu realizar o sonho de *se tornar definitivamente homem*. Alexandre Emanuel nasceu uma menina, mas diz que sempre pensou como homem e sentia como se tivesse em um corpo errado. Após anos de luta, *ela* realizou no dia 5 de setembro a cirurgia de mudança de sexo no Hospital das Clínicas de Goiás. (ALBUQUERQUE, 2013, grifos meus)

A jornalista insiste em apresentar Alexandre como uma mulher (utilizando o gênero feminino), no título, na legenda, no começo e no fim do lead. Além disso, condiciona a conquista da identidade “homem” à obtenção do pênis, ao afirmar que realizar a metoidioplastia (masculinização da vulva, que se torna um micro-pênis) o “tornou definitivamente homem”. Depois narra brevemente a vida dele, suas lutas na Justiça, e explica o processo cirúrgico. Na terça parte final, segundo o próprio Alexandre em depoimento dado a mim, surge um erro.

A reportagem afirma que ele se identificou transexual ao assistir uma entrevista de Kristin Beck, uma transexual que até 2011 se identificava como Christopher e era um militar de alta patente. Entretanto, ele se referia a uma entrevista de Christine Jorgensen que ele viu em uma revista quando tinha 13 anos de idade, ela foi uma das primeiras mulheres trans a realizar cirurgia de redesignação e a primeira a ficar conhecida por isso nos Estados Unidos, ainda nos anos 50. Embora não seja o mesmo Alexandre

mencionado na introdução, esse também serve de exemplo para a importância da divulgação de categorias identitárias pelo jornalismo, mencionada por Aguiar (2011).

No último parágrafo, a jornalista reitera o condicionamento da participação na categoria “homem” a presença do falo:

Agora homem, o pernambucano é formado em educação física e estuda atualmente engenharia ambiental. Ele afirmou que espera a conclusão do tratamento para tentar se relacionar com alguém e, quem sabe, até se casar com *uma bela dama*. (ALBUQUERQUE, 2013, grifos meus)

A repórter diz “agora homem” como sinônimo para “após a cirurgia”, determinando assim, que ele não poderia ser considerado homem enquanto não tivesse um corpo socialmente considerado masculino. Para reiterar a conquista da identidade masculina ela conclui o texto opondo a figura de Alexandre com a de “uma bela dama”, que surge como símbolo de feminilidade. A expressão “agora homem” também recebe esse sentido no subtítulo do texto. “Agora homem, Emanuel terá ereção e orgasmo normalmente, mas não será fértil”. Além de confirmar a visão fixa dos sexos que a jornalista tem, mostra uma tendência para o sensacionalismo, ao destacar detalhes sexuais já no subtítulo, objetificando o sujeito, visando atrair mais atenção do leitor.

Alexandre afirmou que iria procurar o portal para pedir as devidas alterações. Dois meses depois, entretanto, a matéria não mudou. A diferença do tratamento é claro, talvez motivado pela pressa imposta pela redação em portais de notícia, não houve conferência de fonte e nem sequer respeito à identidade do personagem principal. Ao contrário dos textos analisados anteriormente, não há um interesse maior em explicar e apresentar a transexualidade de maneira humana, apenas se aproveitando da estranheza do não pertencimento que ela causa em nossa sociedade para atrair a curiosidade dos leitores.

O senso comum associa gênero e sexo, o que é um dos principais empecilhos para o trans* afirmar seu gênero, já que a sociedade impõe um gênero de acordo seus órgãos genitais. Nessa luta para impor sentidos próprios aos seus corpos, o jornalismo ganha importância se analisarmos os conceitos a seguir.

c. Performatividade, citacionalidade e acumulação.

Tomaz Tadeu da Silva (2008) descreve o conceito de *performatividade* inserido na teoria *queer* através de Judith Butler. A filósofa utiliza uma leitura mais ampla da definição de Austin (apud SILVA, T.) para preposições performativas como sendo aquelas que não apenas descrevem, mas mobilizam um acontecimento. Uma enunciação frequentemente reiterada também pode produzir aquilo que nomeia. Dessa forma, é importante a correta denominação de gênero ao se referir a um indivíduo trans, pois ela apresenta os polos básicos do conflito transgênero, o masculino e o feminino. Quando um jornalista se refere a um transexual masculino como “ela”, ele não só descreve um gênero, como o produz. E o gênero produzido, nesse caso, é o oposto do que o sujeito afirma, sendo a negação de sua identidade.

Essa performatividade, entretanto, só movimenta discursos quando o conceito é reiterado, repetido. Então a citacionalidade, conceito de Jaques Derrida, surge para garantir a eficácia do conceito proposto por Butler. “É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção da identidade” (SILVA, 2008). Assim, quando o jornalismo menciona um homem transgênero usando o gênero masculino, você não apenas menciona um homem, mas você o constrói. Da mesma forma, quando se faz o oposto e menciona transgêneros pelo gênero socialmente imposto e não pelo auto-afirmado, ele se põe contra indivíduos, repetindo discursos opressores que negam a legitimidade da identidade trans. Esse erro é ainda mais comum nos casos em que a notícia narra homicídios de indivíduos trans, como veremos a seguir.

d. Narrativas da morte

O blog ‘Quem a homotransfobia matou hoje?’ (<http://homofobiamata.wordpress.com>) é atualizado constantemente com informações de assassinatos de gays, lésbicas, bissexuais e trans em todo o Brasil. Publicando notícias de diferentes veículos de comunicação em todas as regiões do país, a análise dos seus dados traz uma visão sobre a mensagem que a notícia transmitirá sobre o indivíduo para a sociedade em que ele vivia. Como parâmetro para seleção de notícias analisadas, evitei utilizar aquelas derivadas de blogs e dei preferência por aquelas publicadas por veículos com alguma importância regional.

O jornal A Crítica de Manaus, principal veículo da Rede Calderaro de Comunicação, noticiou recentemente a morte de duas travestis. As matérias “Corpo de

travesti é encontrado no ramal da Prainha, na Zona Norte de Manaus” de Oswaldo Neto, publicada em 29 de novembro de 2013 e “Travesti com droga no sutiã é encontrado morto na Zona Leste de Manaus” de Joelma Muniz, publicada em 18 de outubro de 2013 tratam as travestis através do gênero masculino. Esse erro de generificação surge no título de uma matéria, (MUNIZ, 2013) no subtítulo da outra (“*Indivíduo* foi encontrado de bruços e supostamente foi *morto* a pauladas”. NETO, 2013, grifos meus) e é repetida em ambos os textos e reforçada pela fala das fontes oficiais, policiais.

Das dez notícias sobre assassinatos transfóbicos publicadas no site, entre 14 de outubro de 2013 e 04 de dezembro de 2013, quatro eram de blogs e seis de portais de notícias. Em apenas dois casos verificou-se o uso correto do gênero feminino para se referir à travesti. O primeiro foi um texto simples publicado em um blog, e o segundo “Dançarina travesti da barraca de praia 'Axé Moi' é encontrada morta” foi publicado no portal Rádio Sociedade Online, braço de uma rádio pertencente à Rede Record. Assinado pela redação, o texto tem menos de 10 linhas e apesar de chamar a vítima no feminino em quase todo o texto, tem um deslize no segundo parágrafo. “De acordo com informações da polícia, um rapaz que Delmar estava se relacionando há dois dias o esfaqueou e fugiu com o carro da vítimas” (SOCIEDADE ONLINE, 2013, grifo meu) indicando a dificuldade do jornalismo policial em tratar a identidade trans com devido respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante perceber a diferença clara no tratamento dado a identidade entre quando o repórter tem um sujeito trans como fonte, e quando ele só consulta fontes oficiais. A proximidade do repórter tende a humanizar o personagem retratado, enquanto as fontes oficiais tendem a sustentar padrões excludentes de discurso. Ao passo que as primeiras matérias surgiram de pautas que tentavam apresentar a identidade trans de maneira justa e profunda, as últimas mostram que o jornalismo policial vê o corpo trans apenas como vítima sem voz ou dignidade.

Ciente da importância que a representação jornalística tem para o posicionamento social de determinada identidade, é preciso uma imprensa que relate a violência diária sofrida por esses indivíduos, mas não para ridicularizá-los e principalmente, não para reproduzir a opressão deveria denunciar. É preciso apresentar suas vidas, suas batalhas para se afirmar. É necessário apresentar, aproximar e reiterar

para que se consiga naturalizar. Um jornalismo que sirva para que suas subjetividades não sejam destruídas, suas mortes não sejam impunes. Para que o corpo trans não seja mais espaço de violação, e sim de celebração. Para que todos os corpos importem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCIAS de Notícias. **Homem grávido se casa com sua namorada transgênero na Argentina**. In: Folha de S. Paulo. 29/11/13. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/11/1378681-homem-gravido-se-casa-com-sua-namorada-travesti-na-argentina.shtml>> acesso em 05 dez. 2013.

AGUIAR, Carolina Maia de. **Jornalismo e Identidades Coletivas**: representações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no portal Mix Brasil. Porto Alegre, 2011.

ALBUQUERQUE, Sylvia. **Pernambucana muda de sexo inspirada em soldado transexual dos EUA**. 09/10/13. Portal R7. Online. Disponível em <<http://noticias.r7.com/cidades/pernambucana-muda-de-sexo-inspirada-em-soldado-transexual-dos-eua-09102013>> Acesso em 04 dez. 2013.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BBC BRASIL. **'Privilegio de ser homem': A história de um transexual paquistanês em Londres**. In: Folha de S. Paulo. 08/09/13. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2013/09/1338846-privilegio-de-ser-homem-a-historia-de-um-transexual-paquistanes-em-londres.shtml>> Acesso em 05 dez. 2013.

BENEDETTI, Marcos Renato. (Trans)Formação do Corpo e Feitura do Gênero entre Travestis de Porto Alegre, Brasil. In: Cáceres, Carlos. et al. (Org.). **Sexualidad, Estigma y Derechos Humanos**. 1 ed. Lima: UPCH, 2006, v. 1, p. 145-166. Disponível em <<http://www.ciudadaniasexual.org/reunion/M2%20Benedetti.pdf>> acesso em 01 dez. 2013.

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. **Revista Labrys – estudos feministas**. Número , agosto-dezembro 2003 (online). Disponível em

<<http://www.foradoarmario.net/2010/06/transexuais-corpos-e-proteses.html>>. Acesso em 01 dez. 2013.

BENTO, Berenice. **Travestis e Transexuais - Construção de Identidade**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z6oM-BoUGWo>. Acesso em: 09 abr. 2014

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (p. 151 - 172)

BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Disponível em < <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>> Acesso em 01 dez. 2013.

CARVALHO, Carlos Alberto. **O Enquadramento como Conceito Desafiador à Compreensão do Jornalismo**. In: XIV Intercom Sudeste, 2009. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0206-1.pdf> > Acesso em 02 dez. 2013

CARVALHO, Ciara. **Alexandre Emanuel e o Direito de ser homem por completo**. In: **Jornal do Comercio**. JC Online. Recife. 27/08/2012. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2012/08/27/alexandre-emanuel-e-o-direito-de-ser-homem-por-completo-54241.php>>. Acesso em 04 dez. 2013

DA SILVA, Alexander Lima; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Transexualidade/travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significados. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. V. 65, nº 2, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672013000200009&script=sci_arttext > Acesso em 01 dez. 2013

FERNANDES, Fábio. **Liga a TV, vai começar o show de horrores!** Portal IBahia. Salvador, 01/03/13. Disponível em <<http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/03/01/liga-a-tv-vai-comecar-o-show-de-horrores/>> acesso em 05 dez. 2013.

FOLHA de S. Paulo. **Plataforma só para profissionais transgêneros já tem 160 cadastrados**. 07/11/13a. Disponível em

<<http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/2013/11/1368128-plataforma-so-para-profissionais-transexuais-ja-tem-160-cadastrados.shtml>> Acesso em 05 dez. 2013.

FOLHA de S. Paulo. **Transexual brasileira vence concurso de beleza mundial na Tailândia**. 01/11/13b. Disponível em

<<http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2013/11/1365840-transexual-brasileira-vence-concurso-de-beleza-mundial-na-tailandia.shtml>> Acesso em 05 dez. 2013.

HOHLFELDT, Antonio. **Espiral do silêncio**. In: Revista FAMECOS. n° 8, Porto Alegre, 1998. Disponível em <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5466/3967>> Acesso em 02 de 2013.

MORAES, Fabiana. O Nascimento de Joicy: sobre como João, agricultor, virou mulher. In: **Jornal do Commercio**. Recife. 10, 11 e 12 de abril de 2011. Disponível em <
<http://www2.uol.com.br/JC/especial/joicy/index.html>> acesso em 01 dez. 2013.

MUNIZ, Joelma. **Travesti com droga no sutiã é encontrado morto na Zona Leste de Manaus**. Portal A Crítica. 18/10/13. Disponível em <

http://acritica.uol.com.br/manaus/Manaus-Amazonas-Amazonia-Travesti-encontrado-Zona-Leste-Manaus_0_1013298694.html> Acesso em 05 dez. 2013.

NETO, Oswaldo. **Corpo de travesti é encontrado no ramal da Prainha, na Zona Norte de Manaus**. Portal A Crítica. 29/11/13. Disponível em <

http://acritica.uol.com.br/manaus/cadaver-corpo-travesti-encontrado-Prainha_0_1038496166.html >. Acesso em 05 dez. 2013.

NICHOLSON, Linda. “Interpretando o Gênero”. **Revista Estudos Feministas**.

Florianópolis, 2000, vol.8. Disponível em

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167>> Acesso em 04 dez. 2013.

SOCIEDADE ONLINE, Redação. **Dançarina travesti da barraca de praia 'Axé Moi' é encontrada morta**. Sociedade Online. Disponível em <

<http://www.radiosociedadeam.com.br/portal/noticia.aspx?nid=133694>> Acesso em 05 de dez. 2013.

VANCE, Carole. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **PHYSIS- Revista de Saúde Coletiva**, vol 5., n1, 1995(online).Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf>> Acesso em 01 dez. 2013.

YOUTUBE. <<https://www.youtube.com/watch?v=OjdFsDo3hjY>> Enviado em 20/07/2007. Acesso em 05 dez. 2013

YOUTUBE. <<https://www.youtube.com/watch?v=J-Cn-M4SpuY>> Publicado em 27/08/2012. Acesso em 05. Dez. 2013